





# Um mar de Rosas



MARÍLIA PEREIRA BELMONTE

**Título Original:** Um mar de Rosas  
**Autora:** Marília Pereira Belmonte  
Copyright © Marília Pereira Belmonte  
Copyright © Editora Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto  
**Edição:** Tânia Roberto  
**Revisão:** Fábio Pinto e Rosalina Marques  
**Paginação:** Tânia Roberto  
**Capa:** Aléxia Oliveira  
**Ilustração:** Aléxia Oliveira

**1ª Edição:** agosto de 2025  
**Acabamento/Impressão:** ACD Print

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Porém, pessoas e acontecimentos reais contribuíram para escrever a obra, e aumentaram a imaginação da autora.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)  
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:** 551276/25  
**ISBN:** 978-989-3619-24-7



Para as minhas avós, Jacinta e Nazaré, pois a vossa história é  
também a minha.

Para a minha professora de escola primária, Maria do Céu  
Guerra, que um dia me disse que eu seria escritora.



# Playlist

Adele – Easy on me  
Ana Cañas – Respeita  
António Variações – Canção do Engate  
Bárbara Bandeira e Carminho – Onde vais  
Lana Del Rey – Happiness is a butterfly  
Mariza – Melhor de mim  
NBC e Sir Scratch – Espelho  
Piruka – Se eu não acordar amanhã  
Rita Guerra e João Paulo Rodrigues – Por mim  
XEG – Escolhas





# Aviso de Gatilho

Este livro contém cenas de violência que podem ser consideradas perturbadoras.



«Em puto disseram-me uma merda: tudo se planeava  
Para construir algo meu, tinha primeiro que lutar  
Eu comecei a juntar pedras para construir uma casa  
Mas senti que bati no céu logo no primeiro andar  
Tudo pode mudar, não basta pensares que és forte  
Tens de ser forte a pensar, eu ouço-te a queixar da sorte  
Mas em vez de te queixares  
Deixa de tomar atitudes que dão sorte ao azar  
Eu decidi viver em paz e quando eu olho para trás  
Eu sinto e vi que fui capaz (...)  
(...)  
É que a vida são dois dias e eles passam num instante  
Entre pensar e sonhar, viver é o mais importante  
(...)  
A vida é um mar de rosas com mais espinhos que pétalas  
Todas as fases terminam  
No dia em que acaba a agonia, novas fases que nos animam  
Mesmo que eu faça poesia onde todas as palavras rimam  
Há sentimentos que não têm ainda palavras que os definam  
E olha que o tempo não para  
Hoje eu aceito as feridas que eu sei que o tempo não sara  
Encara isto como uma corrida e não gastes o tempo em vão  
Que a vida pode andar para trás, mas o tempo não  
(...) hoje estão na prisão a chorar traumas  
Porque quem muito suja as mãos acaba por sujar a alma  
(...)  
Hoje ninguém olha para dentro, é a mente vazia que nos faz ocos  
(...)  
Mas olha que toda a gente morre  
Vivemos em contrarrelógio, mas nem toda a gente corre  
Felicidade é o pódio, onde nem toda a gente sobe  
Contentar-se com o mais óbvio é o que torna a gente pobre  
(...)  
Quero que sintas e penses no que tens dentro escondido  
E se te sentes dividido, não duvides do teu instinto  
(...)  
Cada palavra, cada rosto me deixe uma recordação,  
E que a maldade dos outros nunca me feche o coração»

«Escolhas», Xeg



«(...) Esse primeiro marido que ela inventava, era afinal, este nosso pai num outro tempo, antes do desemprego e da bebida. E nós éramos filhos, órfãos desse outro que se extinguiu dentro do atual esposo. (...) No geral, porém, a chegada dele era temida, prenúncio de uma guerra sem panos brancos. O pai surgia no topo da rua, a mãe alertava-nos: ele aí vem, vão para o quintal. E corria a recebê-lo como quem se apressa a se entregar a um carrasco. (...)»

Mia Couto, «O meu primeiro pai», em «As Pequenas Doenças da Eternidade»



... Pois a vida não é um mar de rosas, mas quantas  
destas Rosas existem por aí?





## Prólogo

O dia estava soalheiro e, como não tive a última aula, voltei mais cedo para casa. Abri a mochila e procurei as chaves. Alheada, pensava numa forma de ir à festa em casa da Anita, a minha melhor amiga. O meu prédio tem três andares e eu moro no primeiro. É um prédio comum, numa rua comum, para uma família comum... acho eu!

Ao subir os primeiros degraus, estaquei. No patamar do nosso piso, a porta do lado esquerdo estava entreaberta.

*Quem é que não fechou a porta? Será que foi a minha mãe? Ou será que foi a irresponsável da minha irmã?*

Agarrei na maçaneta e espreitei. Um rasto de sangue era visível do chão do hall até à cozinha. O coração quase me saltou pela boca e as minhas pernas fraquejaram. As minhas mãos tremiam quando fechei a porta e, num sussurro, chamei pela minha mãe. Encolhi-me ligeiramente quando ouvi uns gemidos. Eram numa frequência tão baixinha que só alguém num grande estado de alerta os conseguiria escutar. Avancei devagar, agarrada à parede, até que o vi: um corpo estendido no chão.

— Mãezinha, o que é que aconteceu? — Corri para perto dela e, com carinho, peguei-lhe na face.

— Não é nada, eu vou ficar bem — respondeu, extenuada.

— Foi ele outra vez? — Não consegui disfarçar o tom de voz. O meu corpo, que já estava tenso, enrijeceu. Senti os olhos brilharem. Toda a gente dizia que eu tinha «uns bonitos olhos cor de azeitona». Ninguém sabia era o que eles viam e o quanto eu me esforçava, todos os dias, para disfarçar a raiva e a tristeza no meu olhar.

— Não te preocupes comigo, Margarida. Ajuda-me só a levantar. Depois lava a louça e o chão, por favor — disse-me, a custo, mas determinada a encerrar a conversa.

Naquelas alturas, eu não conseguia decifrar o que lhe ia na alma, no entanto, optava por obedecer. Apoiei o seu braço no meu ombro e levei-a até ao seu quarto, que ficava em frente à cozinha.

Com dificuldade, deitou-se na cama, e ajudei-a a colocar as pernas no colchão. Encolheu-se de imediato, adotando uma posição fetal, e fechou os olhos. Eu sabia de antemão que esse era o sinal de que ela queria estar sozinha, por isso tapei-lhe as pernas com uma manta e saí. Abri a porta da despensa, peguei no balde e na esfregona e comecei por limpar o sangue que estava no chão. Já perdera a conta a quantas vezes fizera aquilo e pensei se o certo seria deixar aquelas marcas ali. Na catequese ensinaram-me que o sangue significa vida, e ali estava ele, a manchar o nosso chão, tal como manchava as nossas vidas. O significado da nossa vida, o sinal do nosso sofrimento.

ROSA



## Capítulo 1

**A** avó Rosa nasceu no interior de Portugal, mais concretamente na região do Alentejo, em Ponte de Sor. A casa onde vivia ficava perto da Taberna Meia Via, onde o meu bisavô costumava ir beber vinho ao entardecer. Naquela habitação morava a minha avó, os seus dois irmãos, o Francisco e a Maria, e os seus pais. Não era das casas mais bonitas da região; descolorida pelo tempo e a falta de manutenção, tinha uma fachada branca, com uma moldura de traços azuis em volta dos rebordos. A porta era de ferro, pintada de azul-escuro, tão enferrujada que a deixavam aberta com receio de que, depois, já não voltasse a abrir. No cimo da porta havia um pequeno vidro quadrangular que lhe dava um aspeto de claraboia. Durante a sua vivência ali, a minha avó não imaginava que, vista de dentro, aquela abertura na porta era semelhante a uma luz ao fundo do túnel. Um detalhe tão pequeno, mas que retratava a grande imagem daquilo que viria a ser a sua vida.

Apesar de distantes da aldeia, a minha família vivia a paredes meias com as casas da dona Augusta, do lado esquerdo, e da dona Albertina, do lado direito. Todas aquelas casas eram baixas, davam acesso direto à Estrada de Tramaga e tinham apenas uma janela. Sempre que podia, a minha avó Rosa esgueirava-se para observar o que a rodeava: os sobreiros, os gatos vadios, o sol ou a chuva, as pessoas da sua terra. Essa única abertura ao mundo situava-se junto à sua cama. Como a casa só tinha duas assoalhadas, e uma era o quarto dos pais, Rosa e os irmãos dormiam na sala, divididos por cortinas.

Infelizmente, o apelido Souto, que eu também herdei, arrastava uma pobreza geracional. O meu bisavô trabalhava nos campos e a minha bisavó, além das lides domésticas, costurava para fora. O meu tio-avô Francisco cedo ajudou o seu pai na agricultura e a minha avó Rosa cedo auxiliou

a sua mãe na costura, na casa e a cuidar de Maria. Foram muitas as vezes em que a minha avó me mostrou, com a saudade espelhada no olhar, alguns dos bordados da sua mãe. Ela contava-me, encantada, a paciência que a mãe demonstrava quando se enganava e voltava a ter de fazer tudo de novo. A minha bisavó era uma mulher paciente, não desistia daquilo a que se propunha, nem se vergava diante das dificuldades. Um dia, uma cliente encomendou-lhe um vestido de noiva — era o maior trabalho que já haviam tido! Quando estava quase terminado, o meu bisavô, com a fúria inchada pela bebedeira, desferiu-lhe tantas tesouradas que a minha avó ficou atordoada, sem saber se aquilo era real. E naquele momento, como em todos os acontecimentos deste género, a avó Rosa observou a mãe a não reagir, a não se queixar. Calada, a minha bisavó passou as noites seguintes sem dormir para refazer o vestido. E conseguiu. No dia e hora marcados, a cliente veio buscar a sua encomenda.

Era assim que ela era: para alguns resignada, para outros sábia. E a avó Rosa herdou isso dela.

Para além de trabalharem, as crianças também frequentavam a escola. Completaram até à quarta classe, graças à sua mãe, que suplicou ao marido para os deixar estudar. O que eles mais gostavam nessa época escolar eram os percursos que faziam juntos, pois era aí que vagueavam livremente sem se preocuparem com nada. Os seus risos ecoavam por entre o vento, o céu e a terra. Talvez por ser a irmã do meio, a avó Rosa entendia-os de igual forma. Era ela quem ficava encarregue de preparar a marmita, o que fazia com muito gosto, já que servir era uma missão que a deixava preenchida. O caminho que faziam era em terra batida, coberto de pedrinhas que lhes causavam pequenas feridas e calos nos pés descalços. Na vida, somos moldados pelas dificuldades que nos aparecem, e cedo o corpo dos três irmãos aprendeu isso.

A minha avó nunca soube dizer se eram felizes, além de não ter muitos termos de comparação, pois as famílias eram núcleos fechados com os seus próprios segredos e dinâmicas. Ela não se questionava sobre isso. A vida acontecia e era o que tinha de ser. No entanto, havia dentro da avó Rosa uma fé que lhe segredava que, no final, tudo se acertava. Ela só não sabia o que era esse fim.

## Capítulo 2

Os seus olhos abriram-se na escuridão. Ainda era noite cerrada e, a seu lado, Maria dormia profundamente. Aconchegou-lhe os cobertores para mais perto da cabeça, tapando-lhe os ouvidos. Rosa não queria que a irmã acordasse com os gritos vindos do quarto do outro lado da casa. Os seus pais discutiam. Aliás, o pai gritava insultos e a mãe gritava «Ai, ai, ai!». Ela sabia exatamente o que estava a acontecer, pois era recorrente o seu coração acelerar e o corpo paralisar. Não discernia se, por detrás da cortina às flores, Francisco ouvia o mesmo que ela, ou se ainda dormia como Maria, mas nem se atrevia a verificar. Naqueles momentos, nenhum deles ousava mexer-se. Rosa apenas se aninhava junto do corpo da irmã, numa tentativa de a proteger e de, ao mesmo tempo, se sentir ela própria em segurança.



O meu bisavô batia quase todos os dias na minha bisavó e, por vezes, também nos filhos. Eles sabiam que, quando as coisas não saíam como o pai queria, havia tareia na certa. Num final de tarde, a avó Rosa, escondida de cócoras entre o fogão e o armário da louça, viu o pai pôr a cabeça de Francisco dentro de um balde com água, uma e outra vez. Fechou os olhos com toda a força, enquanto lágrimas grossas deslizavam pela sua face, descendo até ao colo. Tal como das outras vezes, aninhou o rosto entre os joelhos.

A dor era demasiado grande e o medo paralisava-a. Momentos mais tarde, quando voltou a ver o irmão, era como se não enxergasse nada além daquele esgar de sofrimento no seu rosto. Para ela, Francisco perdera a expressão facial: a imagem dele era apenas aquela que vira no momento da agressão.

Naquela casa não falavam sobre estes acontecimentos, muito menos fora dela. Era um não assunto. O que se passava no interior das casas só dizia respeito aos patriarcas, aos maridos, aos homens. Eles é que sabiam como conduzir as suas famílias. Era o tempo em que corria a frase «entre marido e mulher ninguém mete a colher». E ninguém metia. A minha bisavó chegou a ficar de cama vários dias, a só conseguir comer o caldo da sopa que a filha lhe dava à boca, devido às surras do marido. O mais contraditório era que, por norma, após o sucedido, ele aparecia com uma flor que deixava em cima da mesa da cozinha. A avó Rosa não sabia se os pais falavam entre eles sobre aqueles acontecimentos, mas, após aquele gesto, a sua mãe recuperava e tudo voltava ao normal. O *puzzle* de rotina não tinha perdido nenhuma peça. Apesar de tudo, a minha bisavó era uma mulher resiliente e não abandonava as suas responsabilidades de dona de casa, mãe, esposa e costureira. Podia ficar um dia sem se mexer, mas no dia seguinte trabalhava como se não sentisse dor.

Tanto a avó Rosa como os seus irmãos não tinham muitas oportunidades para brincar. A vida deles era ir para a escola, ajudar nas tarefas domésticas e fazer alguns trabalhos extra para ajudar com dinheiro. No caso da minha avó, além de alguns trabalhos de costura, ficava muitas vezes a cuidar das crianças de famílias abastadas da aldeia. Ela fazia por angariar algum dinheiro e manter uma reputação intocável, para que o pai não tivesse motivos de queixa. Tudo o que falhasse ou o desagradasse era considerado culpa da esposa, e claro, motivo de ela ter de levar uma correção. Por isso, do que dependesse da avó Rosa, a sua mãe não teria consequências negativas.

Nas casas dos senhores ricos onde ela trabalhava, sentia-se bem e era, no geral, bem tratada. Enquanto percorria os corredores daqueles lugares, almejava uma vida de sossego e tranquilidade. Rodopiava pelos quartos, dançando aquilo que sonhava um dia vir a ter. É claro que, nessa altura, não percebia o que realmente se passava entre as famílias. Ricos ou pobres, os problemas relacionais eram muito semelhantes... Ansiava com o dia em que teria a sua própria casa, os seus filhos, as suas próprias coisas para cuidar. Vivia a sua dura realidade, mas também se entregava a esses momentos de fantasia.

Apesar de não ter muitas posses, a minha família sempre foi asseada. Por isso, os patrões gostavam muito do trabalho da «menina Rosa», como lhe chamavam. Uma das regras que passou de geração em geração na nossa família era a ideia de que o asseio era fulcral. A minha bisavó considerava que, se limpavam a casa dos outros, a deles deveria brilhar.



«Têm de ser um exemplo nas coisas que fazem!», dizia incessantemente. E aquela frase foi para além das limpezas: tornou-se carne com carne no corpo das mulheres da família. Deveriam ser o exemplo de uma rapariga bem-comportada, composta, trabalhadora, recatada, educada; fazer o que fosse preciso para haver paz e para resolver os problemas dos outros. O dom da avó Rosa foi construído em cima dessa ideia e, por isso, aprendeu a amar como gostaria que a amassem. No futuro, essa seria a característica mais apreciada pelas pessoas à sua volta: dar tudo sem receber nada em troca. No quadro da sua simples vida, a avó Rosa era mais uma entre tantas daquela terra, mas a sua vida mudou quando se apaixonou.



## Capítulo 3

**F**ernando era o rapaz mais encantador da aldeia, pelo menos aos olhos da avó Rosa. Ele era bonito, trabalhador, simpático e especialmente gentil.

— Olha, aquela deve pensar que 'tá em casa. Cheiras mal dos pés, vê lá se pões uns sapatos — dizia um rapaz do grupo de quatro.

— Esquece, ela não os tem. É pobre dos pés à cabeça — zombava outro.

— AHAHAH, essa foi mesmo boa. — Os três davam gargalhadas altas e mandavam pedrinhas aos pés descalços da minha avó.

Sempre que o irmão não ia às aulas por ter de ir trabalhar, o caminho era pesaroso. Maria tornava-se invisível por ser mais novinha, mas Rosa era um alvo fácil.

— PAREM COM ISSO! Deviam ter vergonha de estar a rir de uma gaiata. — O quarto elemento do grupo elevou a voz e pôs término à chacota que a minha avó sofria. Os três outros rapazes, espantados com a reação do amigo, pararam de rir e seguiram caminho.

Aproximando-se, perguntou-lhe:

— 'Tás bem?

— Sim, muito obrigada. — As faces enrubesceram enquanto desviava o olhar.

— Sou o Fernando. E tu, como te chamas?

— Sou a Rosa.

— Bem, Rosa, não tens de agradecer. E já agora, tens uns pés muito bonitos, não precisas de sapatos — galanteou Fernando, que, sem lhe dar tempo para reagir, correu para perto dos outros rapazes.

Ela ficou parada a meio do caminho, com o olhar preso naquele rapaz que a tinha defendido. Não sabia discernir o que pensava, mas sentia

o corpo todo a ferver. Só quando Maria lhe puxou a mão saiu do transe e continuou.

Nos dias que se seguiram, a avó Rosa fazia o caminho para a escola observando timidamente aquele rapaz de caracóis e sardas. Nem sempre se cruzavam — talvez ele seguisse outro caminho. Imaginava-o cheio de destreza e coragem, liderando o grupo de amigos pela terra fora. Sempre que, por sorte ou destino, iam pelo mesmo caminho, a troca de olhares trazia-lhe um rio de borboletas no estômago e os pelos dos braços eletrificavam.

E assim, o Fernando passou a ser a paixão secreta da avó Rosa.



Quando terminou os estudos, a minha avó foi trabalhar para uma herdade, a alguns quilômetros de sua casa, cuidando essencialmente das crianças.

E foi aí que o destino lhe pregou uma partida.

Enquanto preparava o lanche, olhou pela janela que dava para as traseiras e viu o céu carregado de nuvens. Abriu a portada e chamou:

— Mariaaaa, Josééé, venham lanchar! Depois vamos brincar na sala de brinquedos. Venham lá, que vem aí chuva!

Os dois gémeos de quatro anos correram até ela, abraçando as suas pernas, à espera de que se baixasse e lhes pregasse dois beijos repenicados nas bochechas gorduchas. Era o ritual deles.

— Lavem as mãos e sentem-se nos vossos lugares — disse, colocando a fruta, o pão, o leite e o bolo na mesa.

Ela gostava de uma mesa composta e de dar a cada um aquilo de que mais gostava de comer. Era um regalo ver alguém ser preenchido pela natureza sorridente de um bom petisco. Mais tarde fez o mesmo comigo e com os outros netos.

A chuva começou miudinha, mas logo caía de forma estrondosa. Enquanto as crianças terminavam de comer as suas fatias de bolo de chocolate, um bater suave veio da porta das traseiras. A avó Rosa correu para a abrir e, quando viu quem era, levou a mão ao peito. A respiração ofegante, os tremeliques nas mãos e a barriga cheia de cócegas. Fernando estava à sua frente com o cabelo e a roupa encharcada, fazendo pequenas poças no chão. Talvez tenham passado segundos, minutos, horas. Não havia tempo. Só havia o espaço que agora os dois ocupavam.

— Achas que posso entrar? — perguntou Fernando.

— S... si... sim, claro. Vou já buscar uma toalha para te secares. — Ela sabia que soava nervosa e patética, mas mal conseguia disfarçar o choque por estarem tão perto um do outro.

Quando voltou à cozinha, os meninos já tinham ido brincar e Fernando, que não saíra de perto da porta para não sujar a cozinha, despiu a camisola. Não era a primeira vez que ela via um rapaz despido da cintura para cima, pois nos dias quentes de verão, sem querer, já tinha visto o irmão em tronco nu ao se refrescar. Mas era a primeira vez que o via a ele... tão perto e tão errado. Fernando tinha os braços bem torneados, o peito aberto com pelugem a nascer no centro e os abdominais definidos como o tanque onde ela lavava a roupa. Aquela imagem deixou-a em transe, inerte. Só o seu coração saltava como se estivesse num trampolim.

— Estás bem? Preciso que me passes a toalha, por favor.

Hipnotizada, voltou atabalhoadamente a si.

— Sim, claro. Toma, embrulha-te, para não apanhares uma constipação. Virou costas, dirigindo-se à cozinha.

Não era certo estarem ali sozinhos. Não era certo aquela intimidade. Mas era bom.

Após se secar e vestir, ele aproximou-se dela. Junto à bancada, Rosa preparava-se para lavar a louça, mas virou-se quando ouviu:

— Obrigado, Rosa.

O olhar deles cruzou-se e o mundo parou. Ela não sabia o que dizer. A sua paixão era secreta e distante. Não sabia estar apaixonada ao perto. Não sabia o que era suposto fazer, ou o que era honroso. Não sabia lidar com aqueles sentimentos. Foi quando reparou na mão dele, ensanguentada.

— É melhor cuidarmos da tua mão.

Saiu apressada, mais para fugir dele do que para o ajudar, e voltou com os curativos. Não queria que ele percebesse a sua atrapalhão, e muito menos os sentimentos que desabrochavam nela. Como não podia deixar os meninos muito tempo sem supervisão, limpou e desinfetou o corte de forma rápida.

*Será que ele também sente esta vergonha? Será que ele tem interesse em mim? Não! Não deve ter. Tantas raparigas daqui gostam dele... Porque é que se ia interessar por mim?*

O seu pensamento girava como um pião acabado de ser lançado no seu coração, desde a primeira vez que o viu.



A avó Rosa já tinha imaginado que aquela era a sua casa, os seus filhos, as suas terras. Fechava os olhos e sentia-se casada com Fernando. Só que, no meio da fantasia, uma realidade angustiante comprimia-a. E se um dia o marido deixasse de ser meigo? E se ela tivesse alguém igual ao seu pai? Corriam tantas histórias nas bocas das pessoas da aldeia. Havia as mulheres que casavam sem amarem e eram infelizes, mesmo que tivessem dinheiro. Havia as que casavam a amar e, mais tarde, eles traíam-nas, ou lhes batiam, ou não queriam trabalhar... ou até tudo junto! A única história de amor verdadeiro que Rosa conhecia era a da dona Deolinda, cujo marido era um cavalheiro e a tratava como uma princesa, mas que morreu novo, deixando-a só com os dois filhos.

E afinal, o que era isto do amor? Seria o amor uma maldição? Era possível amar, ser amada e bem tratada? Que implicâncias tinha o casamento? Quem amava de verdade parecia ter azar, de uma forma ou de outra. As mulheres não tinham muitas hipóteses, senão esperar aquilo que era decidido para elas.

Rosa não tinha com quem falar sobre estes pensamentos. O dia a dia não lhe deixava forma de fazer amizades com as outras raparigas da aldeia, e a minha bisavó não gostava desse tipo de conversas. Dizia-lhe que, quando chegasse o tempo de se casar, ela casaria e aprenderia tudo com a experiência.

«A vida não é o que queremos, é o que é», escutava a avó Rosa, sem entender, mas também sem questionar.

Só ao conhecer Fernando é que casar passou a fazer parte do pensamento da minha avó. Em várias ocasiões, ela queria ser como a dona Alda, uma governanta, solteira, que conheceu numa das casas onde trabalhou. Além de que o seu pai ainda não falara em casamento. Qual seria a sua reação se aparecesse um pretendente? Qual seria a sua opinião acerca disso? «Deus, Pátria e Família» era um dos lemas do meu bisavô, e a avó Rosa cresceu a aprender que a família é construída e autorizada pelo homem, e que a mulher se submete sem falar, sem sentir — só a carregar o fardo que Deus lhe deu, para o bem-estar da sua família e, conseqüentemente, da sua pátria. Temia o pai, tal como temia a palavra «casamento». Apesar de, por instantes, se permitir fantasiar, não conseguia dissociar um do outro e, por isso, pensar sobre o assunto apavorava-a. Se lhe perguntassem o que é que achava que significava para o seu pai a palavra «família», ela não saberia responder, porque, no fundo, não entendia. Nem nunca entendeu.



À medida que o tempo foi passando, Fernando começou a aproximar-se da avó Rosa e a cortejá-la. Num dia em que saía do trabalho, envolvida nos seus pensamentos, percorria o caminho de terra batida e reparou numa flor presa por um atilho numa árvore. Achou aquilo estranho e aproximou-se. Uma margarida, no esplendor da sua vida, trazia no caule um papel. Olhando para um lado e para o outro, a curiosidade falou mais alto. Desatando o nó, pegou na flor e leu o bilhete:

*Não há flor mais linda no mundo  
que tu, Rosa.  
Assinado: F.*

Não havia ninguém por perto. Aquele era o seu trajeto de todos os dias. O bilhete tinha o seu nome e, na assinatura, destacava-se a inicial dele. Seria possível? Ainda que não fosse, ela acreditou. Agarrou-se ao papel com toda a esperança que havia em si. Saltitando de alegria, foi o resto do caminho a inspirar o odor daquele presente, como se assim conseguisse sentir a presença de quem o enviara. Aquele flor cheirava a campo, e o bilhete a amor. O amor que ela sentia por Fernando, a paixão que lhe interrompia o sono. Chegando a casa, levantou o colchão e enrolou num pano a sua relíquia, escondendo-a lá debaixo.

